

A TRADUÇÃO GALEGO-PORTUGUESA

DO ROMANCE ARTURIANO

OS PRIMEIROS TESTEMUNHOS



que nra a podria. Este malhe hua camara
 para qd se q heo covito que nra cou
 na tapeta lre podre achas porta. e nra ma
 da qd se hua nra ffozo oio paaco
 da piazva de dffoz antra q nra qran
 ffozu emantencia. Eudo offozo ffoz ffo
 ma ou q nra hua no esse to ele senou na
 ffoz ea ffozha efoz phos eleou todo
 as aaporta. Eadla pta ffozha e mo
 pail nra e de ffoz a ffozha capo e
 enagho p dnt qd ffozha. Eadua e ffo
 qd a ab merra hua qnho delgado pde
 eant qa ffozha. Eadua elho qria abz
 merra aqf qnho moy ffozha merra p ant
 aaportas. Ca as par edec eoz potas eram
 p mada de ffoz. Eo qto nra nra nra
 podya emender. Eadpore daua dnt ma
 lho ffozha qnho qnho eadpore ea
 ffoz aba. Eudo emu elrey dnt
 du qnho merra ele merra aacostag
 na no ffozha. ante todos. Eadpore
 mada dnt q nra q nra q nra
 qnho poder q tal uoote de lre de
 nra covdaua q nra merra eadpore
 dela podya p mada ffozha: conhocou ffozha
 talo dnt todos aqf q ffozha com ele
 Eadpore ffozha q nra ca merra oio
 ffozha de tam eadpore causa.



Uo non Josephos Elrey eio
 de ffozha terra aasse eadpore
 nra ffozha. Eudo ffozha en eadpore dnt
 q nra q nra ffozha ffozha q nra

usse. Jo. aelha ea ffozha ea ffozha
 epatriuse de ffozha. Eadpore
 companhia ffozha to ele hua
 Eudo ffozha oioz apatiz oioz
 eles moy nra covta emantencia
 poq emantencia eadpore. Eadpore
 ffozha q ffozha ea ffozha to nra
 Eadpore ffozha el ffozha ffozha
 qd no leydaua. Eele nra ffozha
 tantos q ffozha. eadpore. Eadpore
 delha: eadpore companhia emantencia
 q emantencia ffozha ffozha ffozha
 les de ffozha nra emantencia p mada
 Eelez to nra ffozha covdaua eadpore
 Como aqf q nra ffozha ma qd
 po toda nra p mada ffozha ffozha
 ffozha covdaua plo eadpore merra
 de ffozha. merra de ffozha ffozha eadpore
 ffozha ffozha no de ffozha merra oioz
 ante q ffozha delha: merra eadpore
 ffozha companhia.

Huys dy ocomto q de ffozha aqf
 noyte q nra merra merra ffozha
 em ffozha ffozha ffozha e ele nra
 ffozha. Eadpore q nra nra no podya eadpore ffozha
 ffozha. Em aqf ffozha durou merra eadpore
 ffozha eadpore moy merra. Eadpore q
 ffozha q ffozha talo dele ffozha eadpore
 moy merra ffozha. Eadpore no lre p mada
 tanto ffozha p mada q ffozha q nra eadpore
 ffozha dnt nra ela nra oioz eadpore
 eadpore. Ca ele em aqf to merra q
 merra ffozha ca ffozha ffozha

merra ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha ffozha

SIMONA AILENII



A tradução galego-portuguesa
do romance arturiano

Os primeiros testemunhos



estratégias criativas

Porto

Sumário

NOTA PRÉVIA	9
INTRODUÇÃO	13
PARTE I	
ESTUDO CODICOLÓGICO	19
A. O MANUSCRITO DE SANTO TIRSO. NOT/CNSTSOI/001/0012 [CAPA], ADP	21
B. O MANUSCRITO DA CATALUNHA. 2434, BC	29
C. O MANUSCRITO DE MADRID. CÓDICES. LEG. CARP. 1501 B, N. 7, AHN	37
PARTE II	
ESTUDO PALEOGRÁFICO	45
A. O MANUSCRITO DE SANTO TIRSO. NOT/CNSTSOI/001/0012 [CAPA], ADP	53
B. O MANUSCRITO DA CATALUNHA. 2434, BC	67
C. O MANUSCRITO DE MADRID. CÓDICES. LEG. CARP. 1501 B, N. 7, AHN	79

D. ESTUDO DE CASO: DOCUMENTOS RÉGIOS VS. MS. 2434, BC	91
PARTE III	
ESTUDO DE COLAÇÃO	115
A. ESTÓRIA DO SANTO GRAAL	127
B. LIVRO DE MERLIN	160
C. LIVRO DE TRISTAN	180
PARTE IV	
ESTUDO DE TRADUÇÃO	203
A. ESTÓRIA DO SANTO GRAAL	219
B. LIVRO DE MERLIN	241
C. LIVRO DE TRISTAN	255
D. ESTUDO DO LÉXICO COMUM NOS TEXTOS GALEGO-PORTUGUESES	318
CONCLUSÕES GERAIS	365
APÊNDICES	371
BIBLIOGRAFIA	477
ÍNDICE	493



anda
da
ela
ho
q
ry
ua
de
ula
ca
fo
esse
o
upe
s q
da
fda
no
ffe
on
y de
de
a ma
me
pe
opaz
mayz
ou
na
da

Esta hum Rey q chamava
d'ay. muy to q home. y muy to
aulo. E aya hum mado fi
aulo. muy to muy pado
aya nome anexo. E a ma
hua filha d'ay. uha aul
de angre amo. uehu
home no pado. mado
amo anolhy. E a Rey
fouly q seu filho anada e
Maye q encampy. q
mal n' mado. Maye, muy
pe ayaou de mado. am
esse aua dela quif pado. E
de opado ayu q no laua
pe seu pado. nepo q
disselhy. E a no quaf
compenha. E a mado
E a me mado dissel. maye
ou no quafy ende. anca
maye sanz. meza et ayua
E a esse d'ay. q a saly q
a pado ay. a mado
anexo. E a mado compe
E a seu pado fez acampy naperu.
Quado d'ayen isto ou
ay. fez a mado a
zela. q no pado ahar sanz
E a Espou q busary d'ay
laru esqanho. E a mado
re. u. ne quif no mado.

SIGLAS MAIS UTILIZADAS

- ANNTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
ADB – Arquivo Distrital de Braga.
ADP – Arquivo Distrital do Porto.
AHN – Arquivo Histórico Nacional.
BC – Biblioteca da Catalunha.
BNF – Biblioteca Nacional de França.
BUS – Biblioteca Universitária de Salamanca.
DD – Documentos D. Dinis, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
LM – LORENZO GRADÍN, P. & SOUTO CABO, J. A. *et alii* (eds. 2001), *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia; ms. 2434, BC.
LT – LORENZO GRADÍN, P. & SOUTO CABO, J. A. *et alii* (ed. cit. 2001); ms. Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7, AHN.
Po – PONCEAU, Jean-Paul (ed. 1997), *L'Estoire del Saint Graal*, 2 voll., Paris, Ed. Honoré Champion.
So – SOMMER, Heinrich Oskar (ed. 1908-1016), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances, L'Estoire del Saint Graal*, vol. I, Washington, The Carnegie Institution of Washington.
ST – Ms. de Santo Tirso, NOT/CNSTS01/001/0012 [*capa*], ADP.
TT – CARTER, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press; ms. 643, ANTT.

Introdução

A matéria arturiana representa uma página muito significativa na história da literatura e da língua em romance e, já desde o século XIX, se tem reflectido sobre o papel fulcral que a prosa arturiana desempenhou também no conhecimento do mundo medieval. Esta matéria narrativa configura-se, nas primeiras duas décadas do século XIII, como uma organização cíclica em prosa designada por ciclo da Vulgata. Este conjunto cíclico conhece, entre 1230-1240, uma versão expandida ou condensada, de acordo com diferentes estudiosos que se debruçaram sobre o problema, designada por Pseudo-Robert de Boron. Originário do solo francês, o romance arturiano conta, desde a segunda metade do século XIII, com expressões transpirenaicas. A Península Ibérica será o primeiro berço das traduções da matéria arturiana, atestando os testemunhos preservados versões em três línguas: galego-português, castelhano e catalão. Neste trabalho, realiza-se um estudo interdisciplinar com base nos mais antigos testemunhos fragmentários conhecidos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano, testemunhos preservados nos arquivos e nas bibliotecas hispânicas – a *Estória do Santo Graal*, o *Livro de Merlin* e o *Livro de Tristan*. Para avançar solidamente neste trabalho, considerámos oportuna a análise pormenorizada da sua materialidade física e textual. O carácter arcaico da língua e, implicitamente, dos textos arturianos, em tradução galego-portuguesa, tem sido debatido com base em testemunhos tardios, como a *Demanda* portuguesa, transmitida num manuscrito do século XV¹ e o *Livro de José de Arimateia*, também designado a *Estória do Santo Graal*, contido num manuscrito do século XVI², que revelam um substrato de língua muito antigo (Nunes, 1908³, Castro, 1984⁴). Ora, a confirmação deste pressuposto

1 Cf. Nunes, Irene Freire (ed. 2005), *Demanda do Santo Graal*, 2.^a ed. revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

2 Cf. Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

3 Nunes, José Joaquim (1908), “Uma amostra do *Livro de Josep ab Arimatia*”, *Revista Lusitana*, XI, pp. 223-237.

4 Castro, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643*, tese inédita, Lisboa, Universidade de Lisboa.

veio com a descoberta, como veremos, de três manuscritos datados dos séculos XIII e XIV, que atestam um estado da língua literária muito antigo e se configuram como os primeiros testemunhos do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, em tradução peninsular, conhecidos até aos nossos dias.

O nosso trabalho divide-se em quatro partes. As primeiras duas partes centram-se na descrição do suporte material dos testemunhos e as últimas duas no estudo do texto destes testemunhos.

A primeira parte inclui uma análise codicológica dos três manuscritos; um primeiro de Santo Tirso, conservado no Arquivo Distrital do Porto, sob a cota NOT/CNSTS 01/001/0012 [*capa*], um segundo de Barcelona, conservado na Biblioteca da Catalunha, sob a cota 2434, e um terceiro de Madrid, conservado no Arquivo Histórico Nacional, sob a cota Leg. Carp. 1501 B, n. 7. Realiza-se uma descrição individual, visando aspectos externos e internos da organização dos manuscritos e dos textos incluídos, com base numa ficha codicológica detalhada.

Na segunda parte, ocupamo-nos da análise paleográfica dos testemunhos medievais, destacando várias unidades gráficas e os seus alógrafos condicionados por precisas circunstâncias morfológicas. Esta parte divide-se em quatro capítulos. Nos primeiros três capítulos debruçamo-nos sobre a descrição paleográfica de cada um dos três testemunhos arturianos. No quarto capítulo, propomos um estudo paleográfico comparativo entre seis documentos do *scriptorium* de D. Dinis e o manuscrito 2434, BC. Tendo disponíveis para a análise documentos régios datados, localizados e assinados, considerámos relevante levar a cabo um estudo paleográfico comparativo, no sentido de adiantar hipóteses sobre o lugar de produção e até o possível responsável da cópia do códice arturiano. Não pretendemos, contudo, com este estudo comparativo, realizar uma abordagem exaustiva da questão, mas apenas chamar a atenção para a possível relação entre a produção documental e a libreria coeva, bem como incentivar futuras investigações específicas e mais detalhadas, baseadas num *corpus* vasto.

Assim, nas duas secções iniciais em que se descreve o suporte material dos primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano, assim como a representação física do texto traçado, tentamos iluminar o percurso destes testemunhos ao longo dos séculos. O estudo das características da letra e o seu enquadramento na tipologia da escrita gótica, no momento em que esta alarga o âmbito do seu uso no Reino de Portugal, constitui um outro objectivo deste trabalho.

A terceira parte deste trabalho dedica-se às questões de *collatio*. Esta parte divide-se, igualmente, em três capítulos em que se trata do problema da colação entre os primeiros testemunhos galego-portugueses do romance arturiano e os correspondentes da tradição textual francesa. O primeiro capítulo incide sobre a versão galego-portuguesa da primeira parte do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, conhecida sob as titulações mencionadas, o *Livro de José de Arimateia*/a *Estória do Santo Graal*, e transmitida em dois testemunhos, um datado dos finais do século XIII-inícios do século XIV (ms. NOT/CNSTS

01/001/0012 [*capa*], ADP) e outro do século XVI (cf. ed. Carter, Henry Hare, 1967), em comparação com dois correspondentes da tradição francesa, um transmitindo a redacção breve (cf. ed. Sommer, Heinrich Oskar, 1908-1916), e outro representando a redacção mista (cf. ed. Ponceau, Jean-Paul, 1997) da *Estoire del Saint Graal*. Entre os dois testemunhos em que lemos em galego-português a *Estória do Santo Graal* existe uma relação de parentesco, representando ambos ramos distintos do mesmo arquétipo peninsular, ou seja, nenhum representa o antepassado do outro. No segundo capítulo desta parte, propõe-se a análise comparativa entre a versão peninsular da segunda parte do ciclo em prosa, conhecida pela titulação de *Livro de Merlin*, conservada em testemunho único (cf. ed. Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. *et alii*, 2001), e o texto correspondente em três testemunhos da tradição francesa. Trata-se do ms. Add. 7071, Cambridge University (trans. Soberanas, Amadeu-J., 1979), do ms. Huth (ed. Roussineau, Gilles, 1996) e do ms. fr. 112, BNF (ed. Roussineau, Gilles, 1996). No terceiro capítulo desta parte debruçamo-nos sobre o caso da versão galego-portuguesa intitulada o *Livro de Tristan*, também conservada em testemunho único (cf. ed. Lorenzo Gradín, P. & Souto Cabo, J. A. *et alii*, 2001), em confronto com cinco testemunhos da tradição textual francesa, a saber, os mss. fr. 99, fr. 750, fr. 756, BNF; 2542, Viena (ed. Ménard, Philippe, 1987) e 404, Carpentras (ed. Curtis, Renée L., 1963-1985).

Com o estudo de colação, na terceira parte, procura-se mostrar a relação entre os testemunhos galego-portugueses e os correspondentes da tradição francesa, evidenciando a antiguidade do texto que se transmite nos primeiros, segundo o caso, e a configuração da fonte francesa que originou a tradução peninsular.

Na última parte do nosso trabalho, dividida em quatro capítulos, abordamos os aspectos relacionados com o acto de tradução e as suas peculiaridades. Nos primeiros três capítulos, comparamos os três textos, resultantes da tradução em galego-português, com os mesmos correspondentes franceses utilizados na análise de *collatio*, distinguindo-se o método – *ad verbum*, *ad sensum* – e o conjunto de técnicas e procedimentos decorrentes do acto de tradução – ausência, amplificação, reformulação, adaptação, modificação estrutural –, que serão apresentados em função de cada texto. Dispondo-se de vários testemunhos a atestarem uma ou mais do que uma versão do texto original francês, seleccionam-se, nesta parte, os casos em que o texto de chegada diverge do texto de partida registado em todos os testemunhos franceses em apreço. Num quarto capítulo, trata-se de casos lexicais comuns aos três textos galego-portugueses e/ou casos afins nos textos franceses, com soluções distintas de tradução nos galego-portugueses (expressão idiomática com cariz religioso; formas de tratamento social; unidades léxico-semânticas como “travailliez et si navres”; “compaignons”; “grant piece” *vs.* “granment”; “meismes”; “on”; “morteus home”).

Com o estudo de tradução, pretende-se ainda ilustrar os recursos da língua de chegada na expressão de formas e conteúdos da língua de partida, as características individuais dos três textos traduzidos em galego-português, bem como delinear o(s) perfil(s) do tradutor e o seu comportamento perante o seu modelo reflectido nos testemunhos em apreço.

Um outro aspecto importante, que ainda deve ser aludido, diz respeito ao método de investigação. Trata-se do método comparatista e dos princípios aferentes no seguimento da selecção de casos a analisar nas últimas duas secções dedicadas ao estudo de colação e de tradução. Dispondo de mais do que um testemunho francês em confronto com o peninsular, como acima referimos, salvo a segunda narrativa do *Livro de Merlin*⁵ em que o único elemento francês de comparação possível é o testemunho fr. 112, BNF, seleccionámos, para a análise de colação, os casos em que o(s) testemunho(s) galego-português(es) se agrupa(m) com um ou mais do que um dos franceses numa determinada situação verbal ou textual e, para a análise de tradução, os casos em que o(s) testemunho(s) peninsular(es) se mostra(m) divergente(s) de todos os franceses em apreço. Esta repartição resulta de uma opção metodológica na tentativa de compreender os fenómenos de ausência e de afinidade léxico-semântica. No que toca às séries de situações incluídas no estudo de colação e no estudo de tradução, procedemos da seguinte forma: caso se ateste um denominador comum – ausência ou amplificação de elemento(s) – entre os testemunhos peninsulares e um ou mais do que um testemunho francês e, pelo menos, um francês seja divergente, pode supor-se que se trataria de uma característica que os primeiros apresentam de acordo com a fonte francesa que também originou os testemunhos peninsulares. Esta categoria de casos entra, assim, na secção dedicada aos problemas de colação. Caso se detecte como característica específica apenas dos testemunhos peninsulares, representada quer por uma ausência, quer por uma amplificação face aos testemunhos franceses, esta característica, à partida, poderia explicar-se ou pela redução do texto fonte produzida no acto de tradução – como um procedimento de supressão da expressão redundante muito comum ao texto alvo –, considerando-se, assim, fenómeno de ausência por redução, ou pela amplificação face à retórica do texto francês, tratando-se, deste modo, de fenómeno de amplificação. Esta categoria de casos é, por conseguinte, objecto de estudo na secção dedicada aos aspectos de tradução. Relativamente ao fenómeno de afinidade lexical, uma outra classe de casos, a repartição segue o mesmo princípio acima exposto, baseado no seguinte raciocínio: a afinidade lexical pode ser, por um lado, privilegiada pelas semelhanças estruturais das línguas em contacto e, por outro, influenciada pela utilização *sine qua non* dos derivados do mesmo étimo (pg. “vergonça”, fr. “vergogne” < lat. *verēcūndia, ae*), num ou em mais do que um testemunho francês, facto significativo também na configuração da fonte dos testemunhos peninsulares. Estas são questões que o presente estudo se propõe igualmente equacionar. É sabido que a transmissão manuscrita de uma obra supõe um conjunto de transformações do texto. *Infra* classificamos este conjunto de transformações em fenómenos de ausência e de afinidade lexical que condicionam o afastamento e/ou a proximidade entre os testemunhos aqui confrontados, classificação que nos conduzirá no raciocínio da análise textual.

5 Ver *infra*, Parte III, a secção B. Livro de Merlin.